



II Seminário Brasileiro Livro e História Editorial

Na construção da história editorial do país: o versátil Silva Porto, mercador de livros, intelectual e editor

Cybelle Moreira de Ipanema ¹

Resumo

No Rio de Janeiro de d. João/d, João VI, presente Manuel Joaquim da Silva Porto, livreiro e literato, de múltiplas outras atividades, tornado editor em 1822, concorrendo para a Independência e fluindo, nos tempos de d. Pedro I, com seu elenco de livros, folhetos e periódicos de tendência liberal. Iniciou-se na cidade em 1812 (1810?), ator da circulação das idéias, ainda sob censura, porém sempre alargada – embora a forte porcentagem de analfabetos –, entre a população, crescida no período joanino pelos estímulos das medidas administrativas do regente e rei. O levantamento de sua produção editorial, entre 1822 e 1825 – Portiana –, e dos autores que editou dá a medida da importância desse portuense na cultura carioca/fluminense oitocentista.

Palavras-chave: Manuel Joaquim da Silva Porto; livrarias do Rio de Janeiro; circulação das idéias; censura intelectual; Imprensa Régia; cultura brasileira

A história editorial do país constrói-se desde o século XIX, pela edição de textos recuperadores das obras publicadas por estabelecimentos gráficos, a partir da criação do primeiro, a Imprensa Régia, das molas culturais a alavancar a nova sede do império português, o Rio de Janeiro, em 1808.

Livro e leitura tornaram-se temas de estudo e avaliações, nas realizações do Núcleo de Pesquisa sobre Livro e História Editorial – LIHED, em setores acadêmicos e na produção bibliográfica, não só no Brasil. Remeta-se, entre outras iniciativas, ao publicado *O livro no Brasil*, de Laurence Hallewell, da Universidade de Essex, na Inglaterra, com pesquisa aprofundada em acervos do Rio de Janeiro e São Paulo, principalmente, ² às contribuições de

¹ Livre Docente e Doutora em Comunicação – ECO/UFRJ, Presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro – IHGRJ e 1ª Secretária do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro – IHGB. Autora de *A tipografia em São Paulo* (2008); co-autora de *História da Comunicação* (1967), *A tipografia na Bahia* (1977), *Imprensa Fluminense* (1985), *Instrumentação da edição fac-similar do Reverbero Constitucional Fluminense – 1821-1822* (2005) e *Silva Porto: livreiro na corte de d. João, editor na Independência* (2008). E-mail: ihgrj@ihgrj.org.br.

² HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil* (sua história). São Paulo: T. A. Queirós/EDUSP, 1985.

Roger Chartier³ e da Universidade de Campinas.⁴ Referência, aqui, à Associação de Leitura do Brasil, ao Projeto Memória de Leitura (1992) e ao I Congresso de História do Livro e da Leitura no Brasil (1998).

Importante acrescentar a ação do estado do Rio de Janeiro, através da Secretaria Estadual de Cultura, ao criar (2005) o Conselho Estadual de Leitura – CONSEL-RJ, para implementar políticas públicas ligadas ao livro-leitura-bibliotecas. Lembre-se, também, ser o único estado a possuir uma biblioteca pública em cada um de seus municípios, em número de 92.

O levantamento de livreiros privilegiou escolhas de autores de histórias globais ou, especificamente, da cultura. No primeiro caso, Nireu Cavalcanti, estudioso do Rio de Janeiro.⁵

Bem antes, a *Revista do Livro*, do Instituto Nacional do Livro, acolhera artigo alusivo, de Marcello e Cybelle de Ipanema, enfocando o período de d. João.⁶

Dos mesmos autores, livros constituíram o foco, ao lado de outros elementos de Comunicação, em capítulos do *Atlas Cultural do Brasil*, primeira obra editada pelo Sesquicentenário da Independência.⁷

A produção das tipografias, quer na Cidade do Rio de Janeiro, como fora dela, tem seu primeiro inventário pela primeira, realmente instalada. As peças editadas pela Impressão Régia foram relacionadas, ano a ano, com descrição esclarecedora, por Alfredo do Vale Cabral, bibliógrafo, funcionário da Biblioteca Nacional, pesquisador.⁸

Dos prelos da Impressão Régia, como sabido, saiu, em 10 de setembro de 1808, o primeiro jornal brasileiro aqui publicado, a *Gazeta do Rio de Janeiro* (1808-1822).

Abrange o período de 1808 a 1822, sendo precedido de História da Imprensa Nacional do Rio de Janeiro.⁹

Representou a homenagem da Tipografia Nacional à monumental Exposição de História do Brasil, realizada em 1881.¹⁰

³ CHARTIER, Roger (dir.). *Práticas de leitura*. trad. Cristiane Nascimento. 2 ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001, por exemplo.

⁴ ABREU, Márcia (org.). *Leitura, história e história da leitura*. 1ª reimp. Campinas: Mercado das Letras: Associação de Leitura do Brasil: São Paulo: FAPESP, 2002 (Col. Histórias de leitura).

⁵ CAVALCANTI, Nireu. *O Rio de Janeiro setecentista: a vida da cidade da invasão francesa até a chegada da corte*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

⁶ IPANEMA, Marcello de; IPANEMA, Cybelle de. Subsídios para a história das livrarias. *Revista do Livro*. Rio de Janeiro: MEC/INL, a. XI, n. 32, p. 23-31, 1º trim. 1968.

⁷ IPANEMA, Marcello de; IPANEMA, Cybelle de. Bibliotecas. *Atlas Cultural do Brasil*. Rio de Janeiro: CFC/FENAME, 1972. p. 176-179.

⁸ Biobibliografia em COUTINHO, Afrânio; SOUSA, José Galante de. *Enciclopédia de literatura brasileira*. Rio de Janeiro: MEC/Fund. de Assistência ao Estudante, 1990. 2 v. V. 1, p. 357.

⁹ CABRAL, Alfredo do Vale. *Anais da Imprensa Nacional do Rio de Janeiro – 1808-1822*. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1881, p. IX-LXVII.

Vale referir que nunca, em outra ocasião, com recursos incomparavelmente superiores, o país repetiu a empresa de reunir, no Rio de Janeiro, espécimes de toda natureza que refletiam o aparato cultural, imagem do Brasil: manuscritos, livros, periódicos, mapas, moedas, medalhas, retratos.

Vale Cabral produziu seus *Anais* que ficaram como referência por mais de um século. Dentro dos anos, as peças são sequenciadas em ordem alfabética. Relacionou 1.154 verbetes, vindos à luz na Imprensa Régia, onde se acompanha, igualmente, a mudança de nomes que assumiu a tipografia oficial. Desde 1960, em Brasília, como Imprensa Nacional que já o era no Rio de Janeiro.

Fecha com um Apêndice, das obras publicadas em outras oficinas tipográficas do Rio de Janeiro, instaladas em 1821 e 1822 (verbetes 1155 a 1251).

Posteriormente, a Biblioteca Nacional (Fundação Biblioteca Nacional, dos dias atuais) publicou um acréscimo aos *Anais*.¹¹

Só em 1993 – 112 anos depois, portanto – é retomado o levantamento da primeira oficina autorizada no Brasil, com a *Bibliografia da Imprensa Régia do Rio de Janeiro*.¹²

Há estudos prévios, como o de Rubens Borba de Moraes, um dos responsáveis pela obra, *A Imprensa Régia do Rio de Janeiro: origens e produção*.¹³

São dois volumes de grande formato, o primeiro dedicado às obras gerais e o segundo, aos atos oficiais.

Da segunda tipografia a funcionar no Brasil, autorizada por d. João, em 1811, a recuperação é bem mais tardia (em relação a Vale Cabral), o que dá ensejo a enfocar, na seqüência, importante personagem de livreiro e editor, a partir da década de 1820, na capital do reino: Pierre René François Plancher de la Noé – Pierre Plancher –, grafando seu nome, também como Seignot-Plancher e Plancher-Seignot.

É o fundador do *Jornal do Commercio*, em 1º de outubro de 1827, e que ainda circula, como o decano dos jornais cariocas/fluminenses (segundo do Brasil nas circunstâncias, antecedido pelo *Diario de Pernambuco*, de 7 de novembro de 1825).

¹⁰ *Catálogo da Exposição de História do Brasil. Anais da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, vol. IX, 2 v. e 1 supl., 1881.

¹¹ CABRAL, Alfredo do Vale. *Anais da Imprensa Nacional (1808-1822) e Suplemento aos Anais da Imprensa Nacional (1808-1822)*. Separata dos *Anais da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional: Divisão de Obras Raras e Publicações, vol. 73, 1954.

¹² CAMARGO, Ana Maria de Almeida; MORAIS, Rubens Borba de. *Bibliografia da Imprensa Régia do Rio de Janeiro*. São Paulo: EDUSP/Kosmos, 1993. 2 v.

¹³ CAMARGO, Ana Maria de Almeida; MORAIS, Rubens Borba de. op. cit. V. 1, p. XVII-XXXI.

O emigrado francês bonapartista, com tradição nas artes gráficas em seu país, chegou em 1824, trazendo seu equipamento e artífices seus.

Em França, já editara nomes como Chateaubriand, Benjamin Constant e outros. De Voltaire, uma edição de 44 volumes, dirigida por Regnault Warin, a partir de 1817. Ligado naturalmente, aos simpatizantes desses autores, o que lhe valeu ser processado e perseguido. Emigrar foi a solução.

Chegou ao Rio de Janeiro, em 23 de março de 1824 e logo, em 28 de junho, lança o 1º número de *O Spectador Brasileiro*, político e comercial, com pretensão a diário, que durou até 23 de maio de 1827, substituído pouco depois pelo *Jornal do Commercio*, onde inseria matérias tal no antecedente, assinando-as como “Hum francês-brasileiro”.

Conseguiu de d. Pedro I (maio de 1824) o título de Impressor Imperial.

José A. Félix Pacheco foi proprietário e grande figura do jornal. É o biógrafo de Plancher. Em *Un français-brésilien*, incluiu um catálogo da produção de Plancher – na pátria de origem e no Rio –, organizado por Mário de Sousa Ferreira, de livros, impressos, mapas, almanaques, periódicos, folhinhas. São 345 peças no Rio de Janeiro, em dez anos, de 1824 a 1834, quase 35 títulos por ano, ou três por mês. Os assuntos iam de geografia a história, finanças, literatura, religião, ensino, legislação (a “Coleção Plancher”, de 1831).¹⁴

Deu-lhe Félix Pacheco o expressivo título de *Plancheriana*.¹⁵

Afortunada também a Tipografia de Silva Serva, na Bahia, autorizada em 5 de fevereiro de 1811 (quase a completar 200 anos), cuja produção, até 1819, ano de falecimento de seu fundador, foi levantada por Renato Berbert de Castro.¹⁶

No Rio de Janeiro, encontramos cinco edições não arroladas naquele levantamento, tendo-as incluído em estudo nosso.¹⁷

Manuel Antônio da Silva Serva, português de Trás-os-Montes e Alto Douro, de Cerva, livreiro e editor, ao lado de empresário em outras atividades, implantou a primeira tipografia em Salvador e o primeiro jornal baiano, segundo do país, a *Idade d’Ouro do Brazil*, nos moldes da *Gazeta do Rio de Janeiro*, conhecida, mesmo, por *Gazeta da Bahia*. Teve loja aberta no Rio de Janeiro, a que vinha para comercializar a produção de sua tipografia.

¹⁴ IPANEMA, Cybelle de. Pedro Plancher, o fundador do *Jornal do Commercio*. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro: IHGB, v. 403, p. 469-474, abr./jun. 1999.

¹⁵ PACHECO, Félix. *Un français-brésilien*. Rio de Janeiro: Tip. do *Jornal do Commercio*, 1924.

¹⁶ CASTRO, Renato Berbert de. *A primeira tipografia da Bahia e suas publicações*. Salvador: Imprensa Oficial da Bahia, 1969.

¹⁷ IPANEMA, Marcello de; IPANEMA, Cybelle de. *A tipografia na Bahia: documentos sobre suas origens e o empresário Silva Serva*. Rio de Janeiro: Instituto de Comunicação Ipanema, 1977. p. 99-112.

Ao trabalho de Renato Berbert de Castro, recentemente, e com base em sua publicação, acoplamos um desdobramento. Em tabela, ano a ano, de cada título editado, recuperamos autor, tipo de publicação (livro, folheto, impresso, jornal, almanaque), número de páginas e preço. Levantados os assuntos publicados, o que permitiu concluir que, de 1811 a 1819, das 127 peças encontradas por Berbert (não computadas as cinco do Rio de Janeiro), Silva Serva editou, em maioria, obras de medicina (16), de religião (16) e de poesia (15). Os outros assuntos distribuem-se sem predominância.¹⁸

Pela época efetiva da recuperação do que editou, comparativamente aos anteriores – Impressão Régia, Plancher e Silva Serva –, pertinente trazer o certamente versátil, Manuel Joaquim da Silva Porto.

Portuense, chegou ao Rio de Janeiro de d. João, bem ao início da transferência da corte. Jovem, é possível que tenha sido influenciado, para a vinda, pelo compatriota Manuel Antônio da Silva Serva, já um vitorioso na Bahia que frequentava desde finais do século XVIII (1789 ou antes).

Bem mais velho do que Porto – cerca de 26 anos –, foram contudo amigos e de atuação paralela no Rio de Janeiro, inclusive após a morte do conterrâneo, de que foi testamenteiro e responsável por negócios ficados pendentes, na capital.

Silva Porto, com pouco mais de 20 anos, estabeleceu-se como livreiro – “mercador de livros”, de sua própria nomenclatura e como era usual – e, durante todo o tempo da atividade, usou o mesmo endereço: Rua da Quitanda, esquina da de São Pedro, local privilegiado no circuito urbano da cidade.

Para a preparação do livro, *Silva Porto: livreiro na corte de d. João*, editor na Independência,¹⁹ valêmo-nos, sobretudo, de fontes primárias, representadas pelos anúncios dos jornais, valioso subsídio para a história da imprensa e da própria cidade, em lhe traçar o perfil cultural dos moradores e seus próprios contornos sócio-econômicos.

Único periódico a circular, a *Gazeta do Rio de Janeiro*, ao inserir, no dia 9 de maio de 1810, “Vende-se na loja /.../ e na do Mercador de Livros na Rua de São Pedro na esquina da Rua da Quitanda... (grifo nosso), levanta a suposição – a se tratar dele –, de que, o ano marcaria a presença de Manuel Joaquim da Silva Porto na cidade e no comércio livreiro.

¹⁸ IPANEMA, Cybelle de; IPANEMA, Marcello de (*in memoriam*). Revisitando Manuel Antônio da Silva Serva. *Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia*. Salvador: IGHB, n. 99, p. 115-129, 2004.

¹⁹ IPANEMA, Cybelle de; IPANEMA, Marcello de (*in memoriam*). *Silva Porto: livreiro na corte de d. João*, editor na Independência. Rio de Janeiro: Capivara, 2008.

Em 1812, dois anos depois, a indicação é mais precisa: “... vende-se na loja de Manuel Joaquim, Rua da Quitanda na esquina da Rua S. Pedro...” (*Gazeta do Rio de Janeiro*, 01 jul. 1812).

A mesma redação, com seu nome incompleto, vai-se repetir, no dia 18 daquele mês. Pela primeira vez, “... Vendem-se nas lojas de Manuel Joaquim da Silva Porto na Rua de S. Pedro...”, em anúncio de 21 de outubro.

É um mercador de livros desde 1812, certamente, ou 1810.

A credibilidade de sua loja pode ser atestada, por exemplo, em Luís Joaquim dos Santos Marrocos, funcionário encarregado dos arranjos da Biblioteca Real, chegado ao Rio de Janeiro com a segunda leva dos livros cuja correspondência com a família, em Lisboa, constitui importantíssima fonte para o período.

Incumbido de promover a subscrição de determinada obra, comunica ter julgado suficiente “só em três lojas /Saturnino, Manuel Mandillo e Silva Porto/, por serem estas as mais conhecidas e frequentadas.”²⁰

Mercadejou livros no Rio de Janeiro, no regime de controle e no de liberdade.

Significativo capítulo da história do comércio de livros e de sua produção é o estudo da censura intelectual que acompanhou as atividades, até 1821.

Referir os diplomas legais vigentes, de d. Maria I e d. João VI, até a liberalização, em 28 de agosto de 1821, já sob o príncipe regente d. Pedro,²¹ decorrente da aprovada Carta de Lei de 12 de julho de 1821, emanada das Cortes Gerais, Extraordinárias e Legislativas da Nação Portuguesa, sobre a liberdade de imprensa. Tinham sido: a Real Mesa Censória (05 abr. 1768), a Real Mesa da Comissão sobre o Exame e Censura dos Livros (21 jul. 1787) e a Carta de Lei de 17 dez. 1794.²²

É todo um longo capítulo que permeia o desempenho intelectual em Portugal e no Brasil.

Ainda no Rio de Janeiro, d. João, por decreto de 2 de março de 1821, suspende a censura prévia dos originais (porém, mantendo-a sobre os textos compostos).²³

Manuel Joaquim da Silva Porto manteve sua loja de livros até 1823, quando a transfere por venda aos irmãos João Pedro da Veiga e Evaristo Ferreira da Veiga, filhos do livreiro

²⁰ *Cartas de Luís Joaquim dos Santos Marrocos, escritas no Rio de Janeiro a sua família em Lisboa, de 1811 a 1821. Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, vol. LVI, 1939, p. 295. Em 2008, em comemoração ao Bicentenário da transferência da corte, a Biblioteca Nacional de Portugal promoveu a reedição das cartas de Marrocos.

²¹ CABRAL, Alfredo do Vale. op. cit. p. XXXIV.

²² IPANEMA, Marcello de. *Legislação de Imprensa*. Rio de Janeiro: Aurora, 1949. 2 v. V 1 – Leis de Portugal e de d. João.

²³ CAMARGO, Ana Maria de Almeida; MORAIS, Rubens Borba de. op. cit. V. 2, p. 146.

Francisco Luís Saturnino, como documentado nos anúncios, já agora, do *Diário do Rio de Janeiro* (1821-1878).

Livreiro e editor são as duas facetas próximas a caracterizarem a personagem-título desta fala. Muitas outras atividades suas se entrelaçam, cumprindo, no entanto, isolar a de empresário da edição em que não pequeno é seu papel de motor de idéias na sociedade carioca/fluminense de então.

A venda avulsa de jornais começou muito mais tarde. Nos tempos iniciais da imprensa as folhas eram vendidas por subscrição, ou assinatura, nos livreiros, nas redações dos próprios periódicos ou em locais anunciados.

A loja de Silva Porto funcionou como banca de subscrição de jornais do Rio, da Bahia, de Portugal, da Inglaterra.

Teve também o encargo de administrador da *Gazeta do Rio de Janeiro*, do *Diário do Rio de Janeiro* e de *A Malagueta*. Os anúncios que publicava permitem o levantamento, havendo, no entanto, para a *Gazeta*, volumoso material em acervo oficial onde se colhe, até, sua assinatura autógrafa.

Foi negociante de papel, em sociedade com Campos Belo (Pedro Antônio de Campos Belo), já experiente no ramo. Não durou muito a firma.

Pessoa respeitável na cidade, é o que se pode deduzir, preferencialmente pelos anúncios que, através dos periódicos, ligavam os habitantes, fazendo as vezes de correio (conquista antiga, de presença no Rio de Janeiro), e de telégrafo e telefone que só viriam na segunda metade do século XIX. A troca de informações via *Diário do Rio de Janeiro* entre 1822 e 1824, revela Silva Porto, tesoureiro do Monte Pio Literário.

Eleitor também o foi, de sua Freguesia, a Candelária. Em eleição de 1822, mereceu a confiança de paroquianos.

Claro que concorria seu perfil de intelectual.

Poeta, produziu sete peças, algumas em co-autoria: editadas, quatro pela Impressão Régia, duas por sua própria oficina, de Silva Porto e Cia, e uma por Pierre Plancher.

No *Diário do Rio de Janeiro*, de 1821, em datas próximas, recolhemos quatro sonetos seus, exaltadores da pátria.²⁴

Como tradutor, marcou naturalmente a sociedade com sua primeira iniciativa: nada menos que a tradução de *Fedra*, de Racine, “em português verso a verso...”. Para Inocêncio, uma das

²⁴ IPANEMA, Cybelle de; IPANEMA, Marcello de (*in memoriam*). op. cit. p. 122-125.

melhores traduções conhecidas. Uma 1ª edição, em 1816, e 2ª, em 1821, ambas pela Impressão Régia.

Tanto as poesias, como essas traduções do poeta francês, podem-se acompanhar pela documentação original – requerimentos e despachos – do Desembargo do Paço, no Arquivo Nacional, como em documentação arquivada na Biblioteca Nacional.

Responsabilizou-se, ainda por verter para o vernáculo mais três originais franceses, até com várias edições em Portugal, durante o século XIX.²⁵

Sua importância para o panorama editorial brasileiro assenta-se na criação de uma tipografia na capital.

A considerar, a renovação da vida cultural do Rio de Janeiro, com a presença da corte, marcada pela abertura de aulas, inclusive de línguas, o alargamento do comércio, a instalação de livrarias, a produção crescente de obras, a importação de livros, subscrição de coleções e de jornais nacionais e estrangeiros, o papel da *Gazeta do Rio de Janeiro*, e, com a suspensão da censura, outras folhas.

O início do jornalismo político, em março de 1821, abre caminho para o florescimento de periódicos que refletem o momento nacional pré e pró-Independência. Do ano de 1821, o aparecimento de cerca de 16 folhas e, do ano seguinte, outras 22.

A imprensa oficial não pôde acompanhar a demanda.

Em 1821 surge a primeira tipografia particular, licenciada, a *Nova Tipografia* ou *Nova Oficina Tipográfica*, de José de Cristo Moreira, que se associou a Antônio Joaquim da Silva Garcez, resultando na razão social de *Moreira e Garcez*.

O ano de 1822 vê surgirem mais quatro, dentre elas, a Tipografia de Silva Porto e Cia., de acompanhamento balizado pelos requerimentos à autoridade e despachos autorizativos, encontrados na Biblioteca Nacional, a par de material promocional e informativo no *Diário do Rio de Janeiro*, o que lhe dá a posição de uma das seis primeiras a funcionar na cidade.

Seu início pode ser enquadrado entre 14 e 22 de março de 1822,²⁶ bem no início do ano, talvez uma das primeiras das quatro referidas: *Tipografia do Diário*, *Tipografia de Santos e Sousa* ou *Tipografia dos Anais Fluminenses*, de *Torres e Costa* (Inocência Francisco Torres e André Mendes da Costa), e ela própria.

Teve como associado Felizardo Joaquim da Silva Morais.

²⁵ Folha de rosto de originais da Biblioteca Nacional de Portugal, em IPANEMA, Cybelle de; IPANEMA, Marcello de (*in memoriam*). op. cit. p. 191.

²⁶ IPANEMA, Cybelle de; IPANEMA, Marcello de (*in memoriam*). op. cit. p. 90.

Era a quadra pós-Revolução do Porto, da partida de d. João, da regência de d. Pedro, dos embates de idéias.

Em 15 de setembro de 1821 começara a circular o *Reverbero Constitucional Fluminense* (1821-1822), de Januário da Cunha Barbosa e Joaquim Gonçalves Ledo, grande motor da Independência, inicialmente impresso em Moreira e Garcez, depois, na Tipografia Nacional e, a partir de agosto de 1822, em Silva Porto & Cia.²⁷

O grupo de Ledo e Januário reunia-se na Oficina de Silva Porto, chamada por José da Silva Lisboa, futuro visconde de Cairu, autor consagrado, jornalista e polemista, “caverna de ciclopes ou cova de Trofônio”.

No contar com as simpatias do príncipe regente, separam-se dois grupos, o de Januário e Ledo, João Soares Lisboa, redator do *Correio do Rio de Janeiro* (1822-1823) e outros liberais, e o de José Bonifácio de Andrada e Silva, ministro do Reino, desde janeiro de 1822.

Move-lhes este, oposição e perseguição, abrindo a Devassa de 30 de outubro de 1822, traduzida no *Processo dos cidadãos...*

Ledo e Januário são colhidos e exilados, não, Silva Porto (que acabará publicando o *Processo...*, em 1824, uma edição com 116 páginas).

Considerando a importância de Silva Porto, no Rio de Janeiro de d. João e de d. Pedro, sobretudo na sua vertente de editor, promovemos o levantamento de sua produção a que demos o nome de *Portiana*, integrante da edição a que vimos fazendo referência.

O último anúncio encontrado de obra de sua Tipografia é de 27 de maio de 1825.

No Catálogo organizado, as peças são relacionadas ano a ano, em sequência única, em ordem alfabética em cada ano e referendadas pelas fontes que as indicam e pelos acervos onde podem ser encontradas.

Entre março de 1822 e maio de 1825, ou 39 meses de funcionamento, a Tipografia de Silva Porto & Cia publicou 112 peças, correspondendo a 2,8 por mês, afora 15 títulos de periódicos no mesmo espaço de tempo.

Classificadas por categoria, em função do número de páginas – *impresso* (de 1 a 4 páginas), *folheto* (de 5 a 25) e *livro* (acima de 25) –, constatamos apenas 21% (vinte e um por cento) do total para os últimos. As edições de poucas páginas, impressos e folhetos, se equivalem.

Sem dúvida, uma ilação de destaque a tirar é na comparação entre as obras publicadas em 1822, ano da Independência, e dos outros anos. São 50% (cinquenta por cento) precisamente ou 56 peças.

²⁷ IPANEMA, Marcello de (*in memoriam*); IPANEMA, Cybelle de. *Instrumentação da edição fac-similar do Reverbero Constitucional Fluminense* (1821-1822). Rio de Janeiro: Edições Biblioteca Nacional, 2005. 3 v.

Os assuntos apresentam-se bem diversificados. Predomina a prosa, ao lado de composições poéticas patrióticas, sobre a Independência.

A obra de mons. Pizarro (cônego José de Sousa Azevedo Pizarro e Araújo), *Memórias históricas do Rio de Janeiro*, iniciada a editar pela Impressão Régia, foi concluída por Silva Porto, que efetivou os 3 últimos volumes (em 4), do total de dez.

Ledo traduziu a *História do juri*, de Mr. Aignan, das edições de 1823, com 198 páginas.

Em tradução, há também *Misanthropia e arrependimento*, “drama imitado do original alemão de Kotzabu, por Mad. Moler”, em português, por João Batista Gomes. Acima de 100 páginas.

Das edições de maior porte, também, o *Manual de deputados*, de Luís Rafael Soyé, dedicado a Sua Majestade.

Aparecem Editais do Senado da Câmara, discursos, defesa de cidadãos, carta pastoral do bispo, folheto sobre a necessidade da reunião das Cortes no Brasil, resposta do Discurso a Sua Majestade, descrição de festas, carta do deputado Nicolau Vergueiro sobre não assinar a Constituição portuguesa, prestações de contas, *Memória sobre o sistema constitucional de Moçambique*, assuntos do Banco do Brasil, sobre abolição da escravatura...

A seguir à *Portiana*, arrolamos os autores editados por Silva Porto, naquelas 112 obras, alguns, só em iniciais, outros em pseudônimos, ao gosto mesmo do que se inseria nos periódicos de então, na seção “Correspondência”: “Um verdadeiro amigo do Brasil”, “Um viajante de países coloniais”, “Um amigo da boa causa”...

Fecharia bem o presente texto – acreditamos –, a citação da Apresentação, de Antonio Gomes da Costa, presidente do Real Gabinete Português de Leitura, ao livro *Silva Porto*: “Como aconteceu com outros compatriotas, entrou nesse despertar e nessa construção, presentindo que seu destino já não era português – mas brasileiro”.²⁸

Referências bibliográficas

ABREU, Márcia (org.). *Leitura, história e história da leitura*. 1ª reimp. Campinas: Mercado das Letras: Associação de Leitura do Brasil: São Paulo: FAPESP, 2002 (Col. Histórias de leitura).

CABRAL, Alfredo do Vale. *Anais da Imprensa Nacional do Rio de Janeiro – 1808-1822*. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1881.

²⁸ COSTA, Antonio Gomes da. Apresentação. In IPANEMA, Cybelle de; IPANEMA, Marcello de (*in memoriam*). *Silva Porto*: livreiro na corte de d. João, editor na Independência. Rio de Janeiro: Capivara, 2008. p. 9.

_____. *Anais da Imprensa Nacional (1823-1831) e Suplemento aos Anais da Imprensa Nacional (1808-1823)*. Separata dos *Anais da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional: Divisão de Obras Raras e Publicações, vol. 73, 1954.

CAMARGO, Ana Maria de Almeida; MORAIS, Rubens Borba de. *Bibliografia da Imprensa Régia do Rio de Janeiro*. São Paulo: EDUSP/Kosmos, 1993. 2v.

Cartas de Luís Joaquim dos Santos Marrocos, escritas no Rio de Janeiro a sua família em Lisboa, de 1811 a 1821. Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, vol. LVI, 1939.

CASTRO, Renato Berbert de. *A primeira tipografia da Bahia e suas publicações*. Salvador: Imprensa Oficial da Bahia, 1969.

Catálogo da Exposição de História do Brasil. Anais da Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, vol. IX, 2 v. e 1 supl., 1881.

CAVALCANTI, Nireu. *O Rio de Janeiro setecentista: a vida da cidade da invasão francesa até a chegada da corte*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

CHARTIER, Roger (dir.). *Práticas de leitura*. trad. Cristiane Nascimento. 2 ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

COSTA, Antonio Gomes da. Apresentação. In IPANEMA, Cybelle de; IPANEMA, Marcello de (*in memoriam*). *Silva Porto: livreiro na corte de d. João, editor na Independência*. Rio de Janeiro: Capivara, 2008. p. 9.

COUTINHO, Afrânio; SOUSA, José Galante de. *Enciclopédia de literatura brasileira*. Rio de Janeiro: MEC/Fund. de Assistência ao Estudante, 1990. 2 v. V. 1, p. 357.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil (sua história)*. São Paulo: T. A. Queirós/EDUSP, 1985.

IPANEMA, Cybelle de. Pedro Plancher, o fundador do *Jornal do Commercio*. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro: IHGB, v. 403, p. 469-474, abr./jun. 1999.

IPANEMA, Cybelle de; IPANEMA, Marcello de (*in memoriam*). Revisitando Manuel Antônio da Silva Serva. *Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia*. Salvador: IGHB, n. 99, p. 115-129, 2004.

_____. *Silva Porto, livreiro no Rio de Janeiro, editor na Independência*. Rio de Janeiro: Capivara, 2008.

IPANEMA, Marcello de; IPANEMA, Cybelle de. Bibliotecas. *Atlas Cultural do Brasil*. Rio de Janeiro: CFC/FENAME, 1972. p. 176-179.

_____. Subsídios para a história das livrarias. *Revista do Livro*. Rio de Janeiro: MEC/INL, a. XI, n. 32, p. 23-31, 1º trim. 1968.

_____. *A tipografia na Bahia: documentos sobre suas origens e o empresário Silva Serva*. Rio de Janeiro: Instituto de Comunicação Ipanema, 1977.

IPANEMA, Marcello de (*in memoriam*); IPANEMA, Cybelle de. *Instrumentação da edição fac-similar do Reverbero Constitucional Fluminense (1821-1822)*. Rio de Janeiro: Edições Biblioteca Nacional, 2005. 3 v.

IPANEMA, Marcello de. *Legislação de Imprensa*. Rio de Janeiro: Aurora, 1949. 2 v. V 1 – Leis de Portugal e de d. João.

PACHECO, Félix. *Un français-brésilien*. Rio de Janeiro: Tip. do *Jornal do Commercio*, 1924.